

## PASSEIOS DA INFÂNCIA: DIÁLOGOS EM BUSCA DE SENTIDOS

Monica Silvestri<sup>110</sup>

### Resumo

A proposta do texto é refletir sobre a infância percorrendo um caminho que aponte pistas e nos convide a rever visões aprisionadas e, também, provocar sacudidelas e a necessária vontade de compreender o lugar e o tempo da infância no mundo atual. Em outras palavras, iniciar um conjunto de reflexões sobre a experiência da infância na contemporaneidade. Dialogando com Benjamin, busca-se uma espécie de passeio-reflexivo por uma coleção de onze imagens que fazem parte de acervo pessoal, coletado ao longo de cinco anos de trabalho de campo, tempo que tem sido dedicado a pensar a infância tendo como pano de fundo o brincar e os brinquedos.

**Palavras-chave:** Infância; experiência; brinquedo; brincar.

### Abstract

The proposed text is to reflect on childhood traversing a path point leads and invite us to see visions and also cause trapped flips and the necessary will to understand the place and the time of childhood in today's world. In other words, start a set of reflections on the experience of childhood in contemporary times. Dialoguing with Benjamin, seeks a kind of walk-by a reflective collection of 11 images that are part of the personal collection, collected over five years of field work, time has been dedicated to thinking childhood backdrop of the play and toys.

**Keywords:** Childhood ; experience ; play toy ; play.

---

<sup>110</sup>Professora da Faculdade de Educação da UFF, doutora pelo PPG Educação da UFF. E-mail: mlsrio@uol.com.br



Secretamente, toda a espécie de pensamentos e de ideias segue inesperadamente aquele que passeia, de modo a obrigá-lo, enquanto caminha atento, a deter-se e a ficar em escuta.<sup>111</sup>

Início esse texto com uma coleção de imagens digitalizadas,<sup>112</sup> pois penso ser necessário proporcionar ao leitor a oportunidade de deter o olhar sobre os brinquedos, o brincar e o que eles dizem sobre a infância. Mais do que isso, o passeio pelas imagens pretende convidá-lo a, junto comigo, rachá-las e extrair delas alguns enunciados, não apenas o que é palpável e visível, mas aquilo que se esconde. Talvez, a ideia de iniciar o texto com uma coleção de imagens signifique mesmo a vontade de dar a necessária sacudidela para o fato de que nunca foi tão importante atentar para as mutações históricas e buscar descobrir o que há de transitório e essencial no contexto simbólico que envolve a infância – o humano – e complexificar as relações contemporâneas.

<sup>111</sup>Robert Walser, *Der Spaziergang*, Suhrkamp, Frankfurt am Main, 1985 (ed. ut.: *La Passegiata*, Milano, Adelphi, 1976, p. 68.

<sup>112</sup>As imagens fazem parte de um acervo pessoal e foram coletadas durante pesquisa de campo para o doutoramento.

As imagens que trago são retratos que falam do cotidiano das infâncias brasileiras, infâncias que estão a exigir, na contemporaneidade, articulações mais densas e comprometidas com a complexidade que as envolvem, o que requer aceitar que "*o visível é atapetado pelo forro do invisível, e também o pensado é habitado pelo impensado*" (Chauí, 1999, p. 61). O que realmente vemos quando olhamos essas, outras, imagens? O que elas nos dizem sobre a infância e seus jeitos de brincar, viver, se relacionar no mundo, com o mundo?

Bem sabemos que as imagens e a escrita são temas centrais na teoria benjaminiana. Nesse sentido, a grande contribuição de Benjamin foi escrever a história da metrópole através de imagens do seu cotidiano, dos seus desejos, dos resíduos materiais aparentemente insignificantes, representando o contemporâneo como espaço de experiência. Em outras palavras, Benjamin "lê" e interpretou a experiência vivida por pessoas em um tempo de modernidade. Seu foco estava na reificação alienante da mercadoria e nas relações mercantilistas com as coisas. Suas reflexões se deram a partir de um olhar arguto sobre as exposições universais e os lugares de peregrinação da burguesia. Aqui o foco de nossa atenção está nos brinquedos contemporâneos, o lócus por onde as crianças saltitam.

A exemplo do que fez Benjamin, inicio um conjunto de reflexões sobre a infância, uma espécie de passeio-reflexivo. Minha intenção é provocar um diálogo sobre a infância, que priorize a interlocução adulto/criança, revendo conceitos muitas vezes padronizados, cujos matizes não valorizam o intercâmbio e as diferenças, não facilitando a construção de novos sentidos. Em outras palavras, é preciso não ter medo e dialogar com os "*perigos*" (FOUCAULT, 1995, p. 31) contemporâneos e, mais do que buscando alternativas, é preciso trabalhar com problematizações. E o que seria trabalhar com problematizações? Seria, a meu ver, romper com a pulverização de sentidos possibilitando o surgimento de outras visões, outros sentidos.

As contribuições de Walter Benjamin, sobre a impossibilidade de se falar de um sentido eterno ou em uma identidade essencial do ser e das palavras, nos remete ao entendimento de *alegoria*. Ele acreditava que a linguagem dizia sempre algo mais, algo além do que é dito inicialmente, fugindo, desta forma, de um sentido único. Assim, seria

necessário que a historicidade e a temporalidade fossem preservadas para que cada pessoa, cada coisa, cada relação fosse olhada considerando-se seus diferentes níveis de significação, que estão sempre em movimento, sempre sofrendo modificações. É nesse movimento que poderemos encontrar a singularidade, o sujeito expressando exatamente aquilo que pensa, aquilo que pulsa, não se deixando transformar em um mero repetidor de ideias fabricadas.

A coleção de imagens que apresento faz parte de um acervo pessoal coletado ao longo de cinco anos de trabalho de campo. Tempo que tenho dedicado a estudar a infância tendo como pano de fundo o brincar e os brinquedos. Nesse caminhar venho dialogando com vários autores dentre eles Castoriadis (1991), Morin (1999, 2001), Brougère (2004), Fernandes (1979),<sup>113</sup> entre outros. No entanto, especialmente, a obra de Benjamin tem me acompanhado nos diálogos teóricos, e não apenas as passagens dedicadas à infância. Refiro-me ao conjunto de sua obra, a totalidade de suas reflexões, uma vez que elas nos apontam pistas para compreender as muitas teias que envolvem o aparente simples ato de brincar, nos levando a refletir sobre a infância em toda a sua complexidade. De tal modo que não podemos pensar a infância fora de um contexto maior, já que

as crianças não constituem nenhuma comunidade isolada, mas antes fazem parte do povo e da classe a que pertencem. Da mesma forma, os seus brinquedos não dão testemunho de uma vida autônoma e segregada, mas são um mudo diálogo de sinais entre a criança e o povo (BENJAMIN, 2001, p. 21).

As crianças, como nos sugere Benjamin, são muitas vezes pensadas como integrantes de um mundo que se desenvolve à parte da vida adulta. No entanto, a realidade é composta por várias dimensões nos parecendo um caleidoscópico de pequenos sonhos, desejos e atos de cada um. Esta dimensão é pelo menos vivenciada em dois polos que se encontram em uma interação dinâmica: de um lado a trama de casos, encontros, coerções, pequenas dores e alegrias do dia a dia; de outro, o amplo sistema econômico capitalista que vive a mudança

---

<sup>113</sup>Em Castoriadis ver: CASTORIADES, Cornelius. **A Instituição Imaginária da Sociedade**. 3ª Ed. Paz e Terra, 1991. Em Morin: MORIN, Edgar. **Cultura de Massa no século XX**, Vol 2, Necrose. Rio de Janeiro: Forense, 1999 e MORIN, Edgar. **Saberes globais, saberes locais: o olhar transdisciplinar**. Rio de Janeiro: Garamond, 2001. Em Brougère ver: BROUGÈRE, Gilles. **Brinquedos e Companhia**. São Paulo: Cortez, 2004. e BROUGÈRE, Gilles, **Brinquedo e cultura**. 6ª Ed. São Paulo: Cortez, 2006. Em Fernandes, ver: FERNANDES, Florestan. **Folclore e Mudança Social na cidade de São Paulo**. São Paulo: Anhembi, 1961; 2ª ed., Petrópolis: Vozes, 1979.

tecnológica aceleradora dos processos sociais e culturais, dentro de um movimento de globalização. São esses fios invisíveis que precisam ser trazidos à luz. Vamos buscá-los?

### O que se esconde atrás do primeiro olhar

Bob Esponja<sup>114</sup> é uma figura conhecida nos cartuns, nas camisetas, mochilas... Poderia ter clicado a imagem do Esponja nas ruas da cidade, o que não seria,



certamente, tarefa difícil, pois ele está nas vitrines de lojas, mesmo as mais remotas. No entanto, esta fotografia foi tirada na casa de João, um menino de cinco anos com quem conversei durante trabalho de campo. Vejamos:

*J – Minha mãe me deu primeiro o Bobinho (referindo-se ao Bob Esponja de tamanho menor). Depois, ela me deu o que eu queria mesmo, o grande. Eu durmo com eles.*

*M – Só dorme, não brinca?*

*J – Brinco também.*

*Como você brinca com eles?*

*J – Eu finjo que também sou do mar e sou da turma dele.*

*Conta mais! Como é ser da turma do Bob Esponja?*

*J – É uma turma maneira, tem bagunça. O Bob é engraçado.*

*M – Eu sei que o Bob é cozinheiro em uma lanchonete no fundo do mar e trabalha para o Siri.*

*J – Ele trabalha para o Siri?*

*M – É, trabalha ele faz hambúrguer.*

*J – Não sabia que fazer hambúrguer era trabalho.*

*M – O que você sabe sobre ele?*

*J – Ah, já disse, ele é engraçado, faz coisa errada e depois dá tudo certo.*

*MJ – Eu dei o Bob Esponja pra ele porque ele vê os desenhos na TV e gosta muito, mas eu acho ele muito feio, aqueles dentes e até a cor. Mas ele gosta, então...*

*M – Quem é o Bob esponja?*

*MJ – Ah, é o brinquedo do meu filho, o brinquedo ele mais gosta.*

*M – Você já viu o desenho do Bob Esponja?*

*MJ – Não, eu mesma não vi. O João é que me diz que ele é engraçado e faz coisas doidas o tempo todo e, depois, dá tudo certo no final.*

---

<sup>114</sup>Bob Esponja é uma esponja amarela que vive no Oceano Pacífico, em um lugar chamado “Fenda do Bikini”. Ele é cozinheiro de uma lanchonete especializada em burgeres de siri. Os desenhos giram em torno da ingenuidade de Bob, que nunca percebe malícia nas atitudes do proprietário da lanchonete.

Pulsção: o diálogo com as diferenças é fundamental à criação de práticas alternativas. Um caminho para que se atravessem fronteiras, objetivando subverter narrativas, pensamentos e modos de ser totalizantes, produzidos pela contemporaneidade.

A imagem da Barbie<sup>115</sup> glamorosa, trajada em estilo hollywoodiano, com direito a tafetá e plumas de pavão, foi capturada na prateleira do quarto de Ana, uma menina de 12 anos que me disse: *“Ela é linda, não deixa ninguém brincar com ela, nem eu.”* Essa boneca seria apenas um troféu? O valor diletante supera o valor de uso? Vejamos:



M – Se ela é linda e é boneca feita para brincar, porque você não brinca com ela?

A – *Ela pode estragar, ficar suja e feia.*

M – Mas, se isso acontecer, você já vai ter brincado muito, se divertido nas brincadeiras com ela, não?

A – *Essa não foi feita para brincar, se eu tirar a roupa dela depois não vou saber colocar de volta, igualzinho.*

M – Então, ela só serve para olhar?

A – *Não, pra gente saber o que é bonito, né?*

M – Você queria ser bonita como ela?

A – *Não dá, ninguém usa essa roupa... ela é branca... Mas, eu sou bonita.*

M – Eu pensei que você estava me dizendo que para ser bonito tinha que ser do jeito que ela é.

A – *Bem, tem que ser do jeito que ela é pra uns, pra outros pode ser diferente.*

M – Agora ficou mais confuso para mim, me explica melhor.

A – *É assim, tem o lado dos ricos e o lado dos pobres, tem a beleza deles e a nossa*

M – E qual é a melhor beleza, a dos ricos ou a dos pobres?

A – *Todas são iguais, mas as dos ricos vale mais.*

M – Por quê? São mais caras?

A – *É mais caro, mas é porque tem mais força.*

M – É essa “força” que faz as belezas serem diferentes?

A – *Não faz ser diferente, faz uma parecer que vale mais que a outra.*

<sup>115</sup>A Barbie é uma boneca, cuja criação é datada de 9 de março de 1959. Foi produzida pela Mattel. A idéia de criação da boneca surgiu quando os donos da fábrica de brinquedos viram sua filha, Barbie, trocando roupas de uma boneca feita de papel.

Pulsção: os projetos estéticos, que são também ético-políticos vieram para ficar. E forçam a existência e o agenciamento de novos hábitos, novas formas de pensar, agir, falar e se posicionar no mundo considerando as experiências individuais e das tribos urbanas em tempos de globalização.



Docinho, Florzinha e Lindinha são as Meninas Super Poderosas.<sup>116</sup> Essa imagem das meninas vem de um recorte de uma caixa de jogo interativo para video-game, e é parte de uma vasta coleção de brinquedos, do mesmo tema, a Larissa. O que dizem o

### ontem e o hoje, a vovó e netinha?

*Vovó: Naquele tempo é que era bom de brincar, a gente inventava até os monstros, que eram espíritos e lobos. Não tinha essa coisa de hoje de cuspir fogo pela venta. Eles vinham na nossa brincadeira só de mentirinha mesmo pra tentar nos pegar, mas nunca conseguiam. Hoje não, o monstro aparece mesmo na tv, tem corpo, tem fogo na venta, tem unha grande e pega quem tiver na frente, pega e bate e mata. Eu nem gosto de ver, é muita matança e muito barulho. Tem uns que tem até chifre, feio como o cão. No meu tempo era lobo mau, bicho-papão, que nem eram tão maus assim, a gente até ria deles. Só os espíritos que davam mais medo quando a gente ficava ouvindo história de assombração. Aí a gente dizia: lá vem ele pegar a gente, e saía correndo... Mas, cada um imaginava o monstro do seu jeito, do jeito que queria imaginar, tá entendo. Eu tenho uma neta e um neto, filhos do meu filho. Meu filho é militar, trabalha muito, mas tem condição de dar as coisas pros filhos dele. Meu neto passa o dia no videogame, aquilo é um inferno, larga o troço, vem comer correndo e volta. Fica agarrado com aquilo o dia todo. Se deixar ele nem fala, fica assim, mudo sem dizer nada. Minha neta brinca com bonecas. Como eu te falei, hoje tem tudo... Ela tem tudo. São coisinhas bonitinhas, tudo rosinha, as panelinhas, tudo delicado, mas não é como no meu tempo, ali sim era brincar divertido. Outro dia, ela ficou na minha casa, levou uns brinquedos pra lá. Achei tudo bonitinho, mas a brincadeira dela era sem graça e a boneca era esquisita, uma tal de Lindinha, menina poderosa que passa na televisão. Coisa feia! Aí eu pensei, será que é boneca mesmo? Boneca é brinquedo, a gente usa e faz dela o que quer, inventa nome,*

<sup>116</sup>As meninas super poderosas foram criadas em laboratório pelo Professor Utonium. Sua intenção era criar meninas perfeitas, misturando açúcar, tempero e tudo que há de bom, mas acidentalmente ele acrescentou o Elemento X (assim como é dito todas as vezes no início dos episódios). As aventuras se passam na Cidade de Townsville, onde moram as meninas, que se chamam Florzinha, Lindinha e Docinho. Elas são consideradas três heroínas que vivem salvando a cidade das garras dos mais terríveis vilões, criminosos e criaturas perigosas. Florzinha é a líder do grupo, tem cabelos longos, cor de laranja, usa um lacinho vermelho e roupa cor-de-rosa. Lindinha é a mais infantil, tem os cabelos loiros, preso dos dois lados e usa roupa azul. Docinho, ao contrário do que o nome indica, não tem nada de doce, é a mais perversa e violenta, tem os cabelos pretos, e usa roupa verde.

*inventa a história da boneca, inventa como ela é e o que ela vai fazer. Com aquela Lindinha não dá pra fazer isso, ela tá na tv e tem a vida dela daquele jeito. Quando eu disse para Larissa: põe a sua boneca pra dormir ela me disse: tá cedo vó, ela só dorme muito tarde, tem coisas pra fazer, tem que usar os poderes. E saiu pela casa pulando com a boneca. Eu queria que ela, um dia, brincasse do jeito que a gente brincava, inventando as coisas. Isso é uma pena!*

*Neta – Eu adoro as poderosas, tenho tudo delas. Se eu pudesse escolher seria a Lindinha.*

*M – Porque você gosta tanto dessas meninas?*

*Neta – Elas são lindas e têm poderes.*

*M – Que poderes elas têm?*

*Neta – Ah, poder de tudo. De resolver qualquer coisa do mundo.*

*M – Como você brinca com elas?*

*Neta – Eu brinco igual como diz no desenho.*

*M – Como?*

*Neta – Faço ela voar pela casa, assim... (pegou a boneca e segurando-a no ar fez como que se simulasse um vôo).*

*M – Porque é bom brincar assim?*

*Neta – Porque eu finjo que sou ela... faço o que ela faz, tudo o que ela faz (continuou fazendo acrobacias com a boneca).*

*M – Hum, acho que entendi! Você também faz comidinha, brincadeira de casinha com ela?*

*Neta – Não, não tem isso nessa brincadeira.*

Pulsção: a formação dos sujeitos é um processo de negociação permanente e dinâmico que ocorre durante todo o percurso de nossa existência, num diálogo complexo e tenso entre nossas experiências/vivências e o conjunto de normas sociais. O que pulsa está em perceber os valores e referenciais que fazem parte dos momentos históricos e de que forma dialogamos com eles. Dialogamos?

Barbies louras vestidas como manda o figurino: mini-saias, pantalona, vestidos colados ao corpo. São as modelos que entraram na passarela do desfile organizado por Rafaela, Amanda e Camila, três amigas de mesma idade, 10 anos, que moram na mesma rua da Baixada Fluminense, e brincam juntas todas as tardes. O que dizem as meninas?



Vocês vão brincar de quê?

Rafaela: *De desfile.*

Camila: *É desfile de moda.*

M – Moda? O que é moda na brincadeira?

Camila: *É a mesma coisa que de verdade*

M – Me explica?

Camila: *É, assim, aquela coisa bonita. Tou falando de roupa, que tem nas lojas e que as pessoas compram e usam pra se sentir bem bonitas.*

Amanda: *É, se sentir fashion.*

M – Hum, entendi.

Então, vai ser um desfile *fashion*. Como se brinca de desfile?

Rafaela: *primeiro escolhe as roupas, as bonecas que vão ser modelo. Tem que arrumar o cabelo delas, vestir as roupas, escolher quem entra primeiro (quem desfila primeiro).*

Amanda: *tem que arrumar o lugar do desfile e tem que ver quem vai ser quem.*

M – Com assim, quem vai ser quem?

Camila: *quem vai fazer a boneca desfilar. Eu sou essa aqui de calça rosa e depois a de vestido jeans. (mostrando as bonecas)*

M – Hum, entendi.

E como faz pra escolher quem vai ser quem na brincadeira?

Rafaela: *A gente tira par ou ímpar, quem ganhar escolhe primeiro a boneca, depois a roupa.*

M – Voltando ao assunto da moda, como vocês sabem que roupa está na moda?

Amanda: *A gente vê as pessoas usando, muita gente usando.*

Rafaela: *A roupa que tá na moda sai na novela.*

Camila: *Fica pendurada na frente da loja.*

M – Sei, sei como é... E a Barbie tem roupa igual a da loja?

Amanda: *Não bem igual, porque a dela é mais fashion, tem mais brilho, mas a Barbie só tem roupa da moda.*

E vocês usam roupa da moda?

Rafaela: *não, a gente não.*

Por quê?

Rafaela: *Porque roupa de moda é cara, minha mãe não tem grana.*

Amanda: *Ninguém aqui pode ter roupa da moda, só parecida.*

M – Parecida? Como é isso?

Amanda: *É parecida só, não é igual.*

Camila: *Deixa eu explicar... é que a da loja chique é feita melhor e é igualzinha a da novela e a da loja que a gente compra é diferente, entendeu?*

M – Acho que entendi. Tem três tipos de roupa, não é? A da Barbie, que é da moda, mas é mais *fashion*, a da loja chique que é da moda e igual a das novelas e a que vocês usam que é mais barata e por isso é diferente, certo?

Essas diferenças têm alguma importância na brincadeira?

Camila: *Não tem não, a gente brinca de desfile e inventa coisas que nem tá na moda*

Como?

Camila: *Mistura o casaco de uma roupa com outra, veste o vestido por cima da calça...*

Sei como é...

E essas diferenças têm alguma importância na vida de vocês?

Rafaela: não entendi.

Vou explicar melhor: Por exemplo quando vocês vão sair e não têm a roupa da moda para vestir, isso faz alguma diferença?

Amanda: *Bem... a gente ia gostar de ter a roupa da loja chique, aquela calça colada com a blusa por cima e o top, mas não tem. Aí a gente vai pro aniversário com a que tá limpa e depois a gente nem lembra da roupa.*

Rafaela: *É isso, esse negócio de roupa às vezes é chato porque você não quer ligar pra isso, tem sempre gente que repara na roupa que você tá usando.... liiii, olha a roupa daquela menina!*

Camila: *Não devia ter isso, cada um devia fazer a sua moda e essa moda devia valer como moda.*

Pulsção: ressignificações se sucedem num contínuo tecer do cotidiano instituído. Nelas estão as estratégias de sobrevivência e o recriar dos valores que vão sendo “impostos” aos indivíduos.



Tarde de sol, três crianças brincam na vala que corta toda a lateral esquerda do acampamento do MST.<sup>117</sup> Na imagem, Pedro, João e Angela, escondida embaixo da ponte. Participam de uma brincadeira de casinha bastante singular. Angela conversa comigo. Vejamos **suas percepções refinadas de gênero**:

M – Do que vão brincar? Perguntei, dirigindo-me a Angela.

A – De casinha.

M – Só as meninas vão brincar?

A – Não os meninos também brincam.

M – O que eles fazem na brincadeira?

A – Tudo o que a gente manda eles fazer. Varre o chão, pega comida...

M – Carrega o bebê também?

A – Se precisar, carrega. Mas, eles dirige o carro.

M – Que carro?

<sup>117</sup>O Movimento dos Trabalhadores Sem Terra - MST, é um movimento político-social brasileiro que busca a reforma agrária. Sua origem está relacionada à oposição ao modelo de reforma agrária imposto pelo regime militar, que priorizava a colonização de terras devolutas em regiões remotas. Contrário a esse modelo, a bandeira de luta do MST fundamenta-se na redistribuição de terras improdutivas

A – *Aquele ali.* (apontou para um banco feito de reaproveitamento de pedaços de madeira. Depois eu vi todos sentados no carro, ou melhor, no banco, fazendo de conta que era um carro que os levaria a passear.)

M – Quando os meninos carregam o bebê, o que acontece?

A – O bebê chora.

M – Sim, imagino... Mas, não foi isso que quis perguntar. Queria mesmo saber se alguém dizia alguma coisa quando vê um menino carregando um bebê de brinquedo.

A – Tem uns meninos bobos que fica rindo e chama ele de mulherzinha.

M – E aí o que acontece?

A – A gente manda o menino bobo embora pra não atrapalhar A gente sai correndo para dar uns cocorotes neles. E diz, sai daqui bobão-cagão! Aqui a gente faz a brincadeira do jeito da gente. Eu fui pra pegar comida, pescá com os meninos. Num tem essa de coisa de menino e coisa de menina. O que vale é brincar.

Pulsção: A compreensão de que o masculino e o feminino se constroem em uma relação interativa pode ser avançada para a percepção de que o masculino contém o feminino e vice-versa. O refinamento desta percepção aponta para uma realidade ainda mais complexa que indica que cada um destes polos não é uno, ao contrário, se apresenta fragmentado e recortado por múltiplas e simultâneas variáveis.

Um boneco de plástico, com braços e pernas apresentando musculatura definida e proporções muito avantajadas. Cabeça pouco proporcional se comparada ao restante do corpo. Este é o brinquedo preferido de Mark, menino franzino de nove anos, que reside em Nova Iguaçu, município do Rio de Janeiro. A imagem nos fala de força e poder?



M – Posso te chamar de Mark? *Mark – Pode.*

M – Eu queria conversar com você sobre seus brinquedos, saber como eles são, quais você gosta mais. Podemos conversar?

*Mark – Eu tenho poucos brinquedos porque minha família não tem muito dimdim, mas eu ganhei esse aqui, olha* (pegou o boneco musculoso e passou às minhas mãos).

M – Ai! Ele é muito forte, cheio de músculos. Como você brinca com ele?

*Mark – Eu brinco de defesa pessoal.*

M – Como é essa brincadeira?

*Mark – Eu boto ele pra lutar com outros bonecos, fazer defesa, aí ele luta e ganha.*

M – E porque ele luta com os outros bonecos?

*Mark – Porque os outros são do mal.*

M – Hum... do mal? Explica melhor.

*Mark – É assim, eles querem roubar e matar, são sinistros. Querem destruir a paz da vida.*

M – Aí, o seu boneco vai lá e... (nesse momento fui interrompida com seguinte advertência: “*não é boneco, é o músculo total*”.) Entendi! Aí, o músculo total vai lá e resolve tudo, não é?

*Mark – É.*

M – E como ele faz isso?

*Mark – Ele dá porrada em quem merece.*

M – Entendi. Ele só luta dando porrada, ele não conversa?

*Mark – Conversa nada. Já viu alguém resolver problema sério com conversa?*

M – De que problema sério você está falando?

*Mark – Já disse: roubo, matança, vingança, essas coisas do mal.*

M – Mas, isso só acontece na brincadeira, não é?

*Mark – O que você quer saber?*

M – Quero saber se na vida real também é assim.

*Mark – Ah, tá! É mais pior ainda. Aqui no bairro tem facção do crime, tem sempre tiro, morte.*

M – E quem defende as pessoas do bem na vida real?

*Mark – Ninguém. Cada um que se vire.*

M – Entendo. Quando você está brincando você é do bem ou do mal?

*Mark – Eu sou o músculo total, sou do bem. Se eu pudesse queria ser igual a ele para resolver tudo.*

M – Em que você é diferente dele?

*Mark – Ele é forte e eu não sou. Sou magrinho mesmo (olhou pro próprio corpo com ar de desapontamento).*

Apetrechos de princesa. Luvinhas de renda branca, coroa com brilhantes, rubis e plumas alvas e sapatinho prateado combinando com a coroa em requinte são os brinquedos preferidos de Luiza, menina de cinco anos, moradora da zona norte no Rio de Janeiro.

### **Princesa ou menina?**



*Luiza – Vem que eu mostro para você os meus brinquedos.*

Me pegou pela mão e me levou até seu quarto, onde havia uma certa quantidade de brinquedos, especialmente bonecas.

M – São lindos os seus brinquedos! Qual o seu brinquedo preferido?

*Luiza – A roupa de princesa, olha como é linda!.*

M – Realmente linda! Então você é uma princesa?

*Luiza – Não, não, não! Quando eu estou brincando eu sou princesa, quando eu saio com minha mãe, eu sou eu mesma.*

Pulsção: Nas imagens e na linguagem narrada o cotidiano ganha forma e se traduz em forma de ser e viver, singularidades elaboradas e reelaboradas, verdadeiras paisagens de um espaço-tempo de vida e de aprendizagem que não podem ser deixados à deriva.



A imagem abaixo foi capturada em uma escola infantil da Baixada Fluminense. É o espaço destinado ao recreio das crianças. Vale ressaltar que a imagem escura e sombria retratam a imagem real. Não usamos truques de fotografia para dar-lhe outra aparência. Que fale a imagem!

Pulsção: O ontem e o hoje não se repetem, se atualizam e se presentificam nas imagens, nos pensamentos e nas narrativas do cotidiano, como se fossem espaços abertos para reflexões - anteriormente realizadas ou não.

Trecos, cacarecos, brinquedinhos, perninha sem boneca e outras coisinhas coloridas compõem o cantinho dos brinquedos de uma outra escola infantil da Baixada Fluminense.

No dia em que tirei essa foto os alunos do jardim estavam aprendendo a escrita dos seus nomes, sentadinhos, concentrados, quase silenciosos.



### **O que disseram os pequeninos?**

- *Na minha escola só tem brinquedo feio, quebrado.*
- *Na minha escola só tem tarefa chata.*
- *Na minha escola eu tenho amigos, mas não tenho brinquedos. Em casa eu tenho brinquedos, mas não tenho amigos.*

Pulsção: o diálogo com as diferenças é fundamental à criação de práticas alternativas. Um caminho para que se atravessem fronteiras objetivando subverter narrativas, pensamentos e modos de ser totalizantes, produzidos pela contemporaneidade.

Propondo-me a pensar a infância percorri um caminho que apontou pistas, elementos, substância viva, inquieta, nos convido a rever visões aprisionadas, provocar sacudidelas e a necessária vontade de compreender o lugar e o tempo da infância no mundo atual.

Rachando as onze imagens, procurei bisbilhotar esse tempo-lugar da infância - muitas vezes constituído e compreendido de forma homogênea e linear - sem medo dos riscos que correm aqueles que desalicerçam a visão dominante e vão em busca de novos diálogos intersubjetivos, novas manifestações e outras compreensões e sentidos.

Das imagens e das falas colhi, no momento em que me envolvia com elas, o que me fez pulsar. Extraí, delas todas, portanto, aquilo que me espetou os sentidos e entrelaçou-se comigo, fazendo sentir-me não só uma, mas duas, às vezes mais que duas, três... quatro... A exemplo do que diz Borges (1974): *todo homem é dois homens [talvez mais] e o mais verdadeiro é sempre o outro*.<sup>118</sup> Um outro, em permanente (re)construção de sentidos e significados, percebo um outro plural. Um outro espaço, certamente, inquieto, que em sótãos repletos de relíquias, espia também os ratos. É essa sensação que me toma por completo e, ousar supor, que tomará cada um dos leitores desse texto. Ela me traz a grata satisfação de continuidade. Em outras palavras, refletir sobre a infância é movimento múltiplo, polifônico e inacabado, que só pelo fato de ser assim exige a voz de um outro - a própria infância.

Benjamin (1985) nos fala de uma experiência individual, anônima, que tem como base a objetividade do conhecimento e se conforma com padrões gerais, expressando um mundo fragmentado que vai sendo produzido como somatório de vivências. Segundo Benjamin, é precisamente o rompimento na comunicação entre os mais velhos e os jovens, entre passado e presente que ressalta a máscara

---

<sup>118</sup> BORGES, Jorge Luiz. *Obra Completa*, Vol. III 1975-1985

"*inexpressiva, impenetrável, sempre igual*" (p.23) da experiência do adulto. Em nome do conhecimento, nós, os adultos, descaracterizamos a experiência dos mais jovens, reconhecendo-a, muitas vezes como inútil, quimérica, uma experiência que contraria a ordem instituída. Contrariamente, o jovem<sup>119</sup> acredita que existam outros sonhos, outra verdade que *precisa ser sustentada, ainda que ninguém a tenha sustentado até agora* (Id, p. 24).

Temos, assim, de um lado, o adulto que julga em nome de um saber que se acredita absoluto e conclusivo, cuja função é manter o instituído. Do outro, o jovem, energia que se dedica à crítica, se contrapondo ao instituído, que se detém em uma outra experiência que é *o que existe de mais belo, intocável e inefável*", *porque é alimentada pela energia da juventude que se dedica à crítica*. (Idem, p. 25)

Escolho como caminho, na tentativa de dar rumo às minhas reflexões, o que se apresenta a mim como inusitado, aquilo que pulsa e que metodologicamente Benjamin chama de *desvio*.

Todo conhecimento, disse ele, deve conter um mínimo de contra-senso, como os antigos padrões de tapete ou de frisos ornamentais, onde sempre se pode descobrir, nalgum ponto, um desvio insignificante de seu curso normal. Em outras palavras: o decisivo não é o prosseguimento de conhecimento em conhecimento, mas o salto que se dá em cada um deles. É a marca imperceptível da autenticidade que os distingue de todos os objetos em série fabricados segundo um padrão (BENJAMIN, 1993, p. 264).

Busco, assim, ressaltar os *desvios* pulsantes que falam da infância de hoje e que possa iniciar um processo de compreensão da experiência da infância na contemporaneidade. Isto nos levaria, certamente, a uma redefinição do seu lugar social.

Há uma concepção de história que, confiando na eternidade do tempo, só distingue o ritmo dos homens e das épocas que rígida ou lentamente correm na esteira do progresso. A isso corresponde a ausência de nexos, a falta de precisão e de rigor na exigência que ela coloca em relação ao presente." (BENJAMIN, 1985, p. 31)

---

<sup>119</sup> Jovem enquanto tempo cronológico, mas também enquanto estado de espírito. Vivência de uma nova temporalidade.

Pensando assim, volto às imagens, às pulsações e, longe de me apegar a elas como verdades e afirmar certezas, interrogo-as, sem concluir, tratando-as apenas como reflexões em processo:

- O simbolismo e a materialidade das imagens, revelados nas relações atuais entre os indivíduos denotam estilos de experiência e comunicabilidade que não podem ser ignorados. Ignoramos?

- Os projetos estéticos, que são também éticos-políticos vieram para ficar e forçam a existência e o agenciamento de novos hábitos, novas formas de pensar, agir, falar e se posicionar no mundo considerando as experiências individuais e urbano-coletivas em tempos de globalização. Damo-nos conta?

- A formação dos sujeitos é um processo de negociação permanente e dinâmico que ocorre durante todo o percurso de nossa existência, num diálogo complexo e tenso entre nossas experiências/vivências e o conjunto de normas sociais. O que pulsa está em perceber os valores e referenciais que fazem parte do momento histórico e de que forma dialogamos com eles. Dialogamos?

- Ressignificações se sucedem num contínuo tecer do cotidiano instituído, nelas estão as estratégias de sobrevivência e o recriar dos valores que vão sendo “impostos” aos indivíduos. Percebemos?

- A compreensão de que o masculino e o feminino se constroem em uma relação interativa pode avançar para a percepção de que o masculino contém o feminino e vice-versa. O refinamento desta percepção aponta para uma realidade ainda mais complexa que indica que cada um destes polos não é uno, ao contrário, se apresenta fragmentado e recortado por múltiplas e simultâneas variáveis. Acreditamos?

- Nas imagens e na linguagem narrada, o cotidiano ganha forma e se traduz em forma de ser e viver, singularidades elaboradas e reelaboradas, verdadeiras paisagens de um espaço-tempo de vida e de aprendizagem que não podem ser deixados à deriva. Estamos atentos?

- O ontem e o hoje não se repetem, se atualizam e se presentificam nas imagens, nos pensamentos e nas narrativas do cotidiano, como se fossem espaços abertos para reflexões - anteriormente realizadas ou não. Compreendemos?

- O diálogo com as diferenças é fundamental à criação de práticas alternativas. Um caminho para que se atravessem fronteiras, objetivando subverter narrativas, pensamentos e modos de ser totalizantes, produzidos pela contemporaneidade da ação. Atravessamos?

As imagens, as palavras, juntamente com todas as possibilidades de expressão, sinalizam uma situação cultural e histórica que urge atenção, e tem como pano de fundo a luta de classes que, por sua vez, fundamenta as experiências infantis. Ver, falar e ouvir essas experiências da infância refletindo sobre elas com a ajuda das próprias crianças, significa deixar emergir as diferenças, as formas e possibilidades de acordos e não-acordos que permeiam sua relação com/no mundo. Significa tomar consciência das inter-subjetividades que permeiam as relações entre adultos e crianças e apontam para a emergente infância contemporânea. Esse movimento é, sem dúvida, uma forma de re-significar as hierarquias instituídas e os papéis sociais estabelecidos culturalmente.

## Referências

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Zabar Editores, 1978.

BENJAMIN, W. **Obras Escolhidas I: Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

\_\_\_\_\_. **Obras Escolhidas II: Rua de Mão única**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

\_\_\_\_\_. **O Conceito de Crítica de Arte no Romantismo Alemão**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo/ Iluminuras, 1993.

\_\_\_\_\_. **Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação**. São Paulo: Editora 34, 2001.

BORGES, Jorge Luiz. **Obra completa**. Vol. III 1975-1985, Editora Globo, 1ª Ed., 2000.

BROUGÈRE, Gilles. **Brinquedos e companhia**. São Paulo: Cortez, 2004.

\_\_\_\_\_. **Brinquedo e cultura**. 6ª Ed. São Paulo: Cortez, 2006.

CASTORIADES, Cornelius. **A instituição imaginária da sociedade**. 3ª Ed. Paz e Terra, 1991.

CHAUÍ, Marilena, (1999). **Janela da alma, espelho do mundo**. In: NOVAES, Adauto (org.). *O olhar*. São Paulo: Cia. das Letras.

FERNANDES, Florestan. **Folclore e mudança social na cidade de São Paulo**. São Paulo: Anhembi, 1961; 2ª ed., Petrópolis: Vozes, 1979.

FOUCAULT, Michel, (1995). **Sobre a genealogia da ética**: uma revisão do trabalho. (Michel Foucault entrevistado por Hubert L. Dreyfus e Paul Rabinow). In: DREYFUSS, Hubert; LARROSA, J. *Notas sobre a experiência e o saber de experiência*. Palestra proferida no 13º COLE-Congresso de Leitura do Brasil, Unicamp, Campinas/SP, julho de 2001.

MORIN, Edgar. **Cultura de massa no século XX**. Vol 2, Necrose. Rio de Janeiro: Forense, 1999.

\_\_\_\_\_. **Saberes globais, saberes locais**: o olhar transdisciplinar. Rio de Janeiro: Garamond, 2001.

ROBERT, Walser, *Der spaziergang, suhrkamp*, Frankfurt am main, 1985 (ed. ut.: *La Passegiata*, Milano, Adelphi, 1976).